

## O Ar do Vento, Ave Maria <sup>(2)</sup>

la a lua sumindo-se lívida, por trás de um cabeço onde se abria o roçado. Por entre as palhas do milho, — um mar de cobraria esverdeada, com reflexos de armas brancas em mãos de combatentes revoltos, — fervilhava um sopro álgido que saía roncando de sob a mata cavernosa das cercanias. Pelo meio da roça bracejavam uns gigantes magros, pretíssimos, grandes árvores cuja fronde em tempo fora roída pela queima das coivaras. Em um dos cantos, como rico em seu sobrado, estava eu na rede muito aereamente armada nos músculos de uma peroba. Via as árvores salientes como se fossem rochedos, e o cerrado do bosque me fazia horror. Palavra que me arrependia daquela caçada. Porém, tinha uma fé extraordinária no uniforme de couro tanado que me modelava dos pés à cabeça. Me lembrava de que, se visse uma onça, era só enluvar na esquerda o chapeirão e meter-lhe pela boca adentro, enquanto com a destra lhe furasse corajosamente o coração com uma facada. Eu via blocos muito escuros no meio da claridade morna que circula no organismo da própria noite.

Verberações de estrelas abrindo os olhos de fera. Me achava meio nada, meio ser. O horizonte não existia a tais horas senão para as penetrações luminosas, nascimento ou sepultação de algum astro. Não havia perspectiva.

De repente ouvi quebrar mato e estremeci todo. Perguntei a mim mesmo: “Pois veado faz medo assim?”

Entretanto o ruído não procurava o roçado, como faria o cervo, para furtar milho; mas entranhava-se para o meu lado.

Pus-me debruços, com a espingarda por baixo de mim e o dedo no gatilho. Os meus olhos apavorados farejavam a direção da caça. Mas, diabo! veado faz medo assim? No tronco encovado de uma embaúba, cessou o movimento; e em seguida vi perfeitamente um bicho que, se espojando, rosnava, grunhia, relinchava, berrava...

— Fogo! — gritei eu no meu silêncio de horror.

Asneira! Estou em presença mas é de uma visage!

Por fim o monstro arrancou numa carreira furiosa pelo ventre da floresta, e então parecia arrastar milheiros de correntes, de latas, de caixões ocos, e relinchava com o estridor anunciante de uma locomotiva.

— Burra sem cabeça! cochichei eu, todo encolhido, os cabelos em pé, as mãos entre as pernas apertando o cano da espingarda, o nariz com um arrocho, e os olhos porejando lágrimas de morte.

Entretanto, vi que o bicho tinha deixado uma coisa no chão. O que será? Ele já vai longe, já se não percebe mais a barulheira; desçamos. Desembainhei a faca, prendi-a no dente, e gatinhei pela árvore abaixo. Ah! nesse momento eu sentia todas as delícias do pavor! Entretanto, o laço irresistível da curiosidade me chamava para o pé da embaúba. Então eu me sentia gigante, conquistador, bandido, valente, capaz de brigar com a floresta inteira, quanto com uma burra de padre.

O que o bicho deixara no tronco da embaúba, era justamente uma cabeça de mulher, com o rosto enterrado. Suspendi-a pelos cabelos e ela fez umas caretas horrorosas!... Larguei-a de repente no chão, como quem solta uma brasa e corri. Por acaso voltei o rosto e vi que a face daquela cabeça hedionda tinha ficado para cima. Estava eu, portanto, desgraçado; o bicho, quando viesse, talvez por descuido, engonçaria a cabeça assim invertida. E me seguirá a pista, porque ele ficará desesperado... visto que as visages devem ter também as suas leis e os seus logros.

Felizmente alcancei a estrada. Como se a massa bipartida da selva fosse adiante de mim se desorganizando, eu ia distinguindo o que é próximo do que é longe. Me parecia ver uma árvore, como uma montanha, debruçada sobre o pálido fio da estrada, e, quando eu me chegava eram muitas árvores separadas, porém na mesma trajetória.

Havia nuvens baixas, que pareciam nebulosas, e outras escuras, modelando selvas suspensas. O volume absorvia à linha e à superfície. Os insetos vibravam por todos os cantos. Uns soltavam alaridos compassados, como pulsações de um coração. Outros um contínuo som brilhante, vivo como estrelas. De quando em vez um sapo coaxava (3) de lá uma voz grossa, notas do peito. E outro assobiava, como pelo canto da boca. Tudo parecia esquisitamente embiocado na pilhéria da escuridão. A mãe-da-lua solfejava as notas inauditas, sobrenaturais, da sua eterna escala descendente.

Ao amanhecer, me achei deitado no copiá de uma fazenda, e perguntei ao primeiro passante que vinha da vila:

— A amásia do vigário teve alguma cousa, amigo?

— Um açulero dos diabos, seu moço! Dizem que ela amanheceu com a cabeça torta!

— Mas você viu-a? Isto é exato?

— A freguesia está toda cheia.

E o vaqueiro da fazenda, que acabava de encilhar o seu cavalo de campo, foi montando e dizendo:

— O que a mulher tem é o ar do vento...

— Ave Maria — concluiu o outro se benzendo.

(*A Quinzena*, Ano I, n.º 3, 15 de fevereiro de 1887.)